



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Declaração Política (A Guerra Eleitoral de 2012)

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Membros do Governo

A política e o humor sempre andaram lado a lado. Nem sempre esta vizinhança recíproca é observada e sentida pelos diversos intervenientes. Alguns políticos nunca se aperceberam que o humor os acompanhava nos seus posicionamentos: é o chamado humor involuntário. Seja como for, quantas vezes, ao longo da História, uma observação espirituosa não serviu para desmontar os argumentos de um político mais dogmático e emproado. O poder não gosta que se riam dele e também não tem capacidade para se rir de si próprio.

Sucede que a pré-campanha eleitoral em curso nos Açores constitui um manancial inesgotável de humor. No âmbito do atual cenário, podemos chorar ou rir. Nesta intervenção, a minha opção é rir. Rir de mim próprio e rir dos factos risíveis que atropelam o nosso quotidiano. Não que a vida esteja para muitos risos, mas apenas porque rir constitui um ato de esperança para o futuro. Rir é desafiar o infortúnio. Rir é utilizar a arma imemorial que os povos inventaram para desafiar os poderosos e desmontar os emproados.

Esta pré-campanha eleitoral constitui uma autêntica guerra. Uma guerra de propaganda e uma guerra de protagonista. Ora a mais divertida guerra que conheço é a "guerra do Raúl Solnado". Um conjunto de monólogos que constituíram um eficaz instrumento de denúncia contra a guerra. Enfraquece-se a guerra quando se lhe recusa a vertente épica e se acentua toda a sua natureza inútil e burlesca.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Por tudo isto, o meu relato da atual guerra eleitoral utiliza como inspiração as guerras do Raúl Solnado. O autor original destes monólogos sobre a guerra foi o espanhol Miguel Gila, um ex-soldado republicano da Guerra Civil Espanhola. Durante a Guerra, o Miguel Gila sobreviveu a um pelotão de fuzilamento. Os soldados franquistas falharam o alvo porque estavam demasiado embriagados, algo que lhe permitiu sobreviver fingendo-se de morto. Foi esta a experiência do homem que levou o resto da vida a condenar e a rir-se da guerra.

A minha guerra é, portanto, o relato fidedigno dos telefonemas que efetuei, no mês de junho, para os quartéis-generais dos diversos partidos aqui representados.

Começo pela transcrição do telefonema que efetuei para o quartel-general laranja, no dia 9 de junho:

- Está lá?
- Oh menina, podia ligar-me para o inimigo, se faz favor?
- Pode chamá-lo?
- Muito agradecido.
- Está lá? É do inimigo laranja?
- Daqui fala o inimigo monárquico.

Vocês importam-se de parar a guerra um bocadinho até que o nosso partido esteja preparado? É que isto não é o PDA! Nós não temos dinheiro para outdoors e a nova malta do Miguel Relvas na RTP-Açores não quer cobrir o nosso esforço bélico. Não quer! E além disso não cobrem os ataques da madrugada, do almoço e da tarde. Isto é ridículo! Onde é que já se viu uma guerra com um horário tão concentrado? E se quisermos atacar de madrugada, conquistar ao almoço e recuar no final da tarde? Quando saírem as notícias no telejornal das 20h, os nossos soldados já estarão novamente no quartel e muitos pensarão que não fazemos nada nesta guerra. E o elemento surpresa? Não existe nesta guerra. O inimigo já sabe, sempre, que vamos atacar no final da tarde. Isto é tudo muito injusto.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Deixem-me que vos diga que a Dra. Berta Cabral, como começou esta guerra muito cedo, já rebentou com os planos de guerra todos até pelo menos 2020. É a SCUT entre a Lomba da Fazenda e o Nordeste; é o aumento dos apoios sociais para idosos e famílias; é a privatização da RTP/Açores; é o novo projeto para a Zona do Pocinho do Pico; a nova fábrica da COFACO no Pico; um novo quartel para os bombeiros do Faial; a aquisição de uma invencível armada açoriana navegando todo o ano; a reabertura da repartição de finanças da Calheta; a criação da entidade reguladora do leite; a abertura de uma representação permanente da Região em Bruxelas; a implementação de um programa estratégico de criação de emprego; o aumento do complemento social de pensão; a garantia de um médico de família para todos; a distribuição de terras pelo povo; a garantia de dois salários para jovens empreendedores; a equiparação dos salários dos funcionários das IPSS aos da função pública; a criação de um POSEI para os transportes; os aviões cargueiros que eram do CDS/PP e um etc. interminável.

O que eu vos pergunto é como é que nós podemos fazer a guerra nestas condições? Para pagar a vossa guerra é necessário que ninguém coma nos Açores nos próximos 8 anos. E eu sei, por experiência própria, que não se pode prometer tamanha abstinência. Isto assim não é guerra não é nada. Nestas condições façam vocês a guerra sozinhos e sem inimigos para abrilhantar o cenário de guerra. Uma guerra a sério tem de ter planos e material de guerra para todos. É falta de ética bélica prometer tudo e ficar com tudo.

Já agora aproveito esta oportunidade para criticar o vosso slogan contra o general do exército rosa: "Oh Vasco, tens cá disto"? Devo dizer-vos que não me parece bem esta vossa atitude desafiadora. É devido a este género de atitudes que está em curso uma incontrolável corrida aos armamentos.

Olha, antes de desligar o telefone deixa-me pedir-te, de inimigo para inimigo, um favor pessoal. Tens o número de telefone do vosso General Relvas? Pois, é que eu tenho um filho que começa a Universidade este ano e estava a ver se ele despachava o curso até 2013. Sempre se poupava muito em propinas, alimentação e estadia. Não telefono para o Eng.º Sócrates porque as chamadas internacionais estão muito caras e além disso o miúdo recusa-se a estudar ao Domingo. Coisas da religião. Muito obrigado, camarada inimigo.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Vou agora iniciar a transcrição do telefonema que efetuei para o quartel-general rosa, no dia 10 de junho:

- Está lá?
- Oh menina, podia ligar-me para o inimigo, se faz favor?
- Pode chamá-lo?
- Muito agradecido.
- Está lá? É do inimigo rosa?
- Daqui fala o inimigo monárquico.

Quero mostrar o meu desagrado pela natureza da vossa sucessão dinástica. Estamos a pensar avançar com um processo por plágio. É que os senhores decalcaram a nossa ideia e cultura monárquica e não pagaram direitos de autor. E a ideia da RTP/Açores? Também vão dizer que não copiaram? E o ensino secundário no Corvo? Também é ideia vossa? Como é que é possível pagar uma guerra destas se não nos pagam pelas nossas ideias?

Devido a estes factos estamos muito desiludidos com o vosso exército e estamos a pensar rever a nossa política com esse quartel-general. Não sei se será possível manter a nossa velha e inquebrantável inimizade.

Queremos negociar com o vosso exército umas tréguas até setembro. Com tanto outdoor, o vosso candidato é quase tão conhecido como o Presidente César. Em Angra do Heroísmo é que os cartazes são um desperdício. Duvido que alguém repare tendo em conta os cartazes vizinhos.

Informo, também, que enviámos para aí um espião. Chama-se Manuel António, tem 43 anos e é ruivo. Ele disse-nos que o vosso quartel da Terceira pode ser tomado com facilidade. Parece que não está ninguém nas trincheiras, estão todos pegados uns com os outros. Nós informamos que não vamos atacar cobardemente esse quartel. Trata-se de ética bélica e não é para aqui chamado o facto de não termos ainda munições para essa frente.

Olha, gostei da vossa Convenção. Notou-se muita unidade. Ninguém concorreu contra o deputado Vasco Cordeiro e foram aprovadas as ideias já descritas pelo candidato. Nem foi preciso votar. Muito bom.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Estamos, também, muito intrigados com o vosso "slogan" dos primeiros cem dias para vencer a crise. Os israelitas venceram os árabes em 6 dias. Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo. Os espanhóis e alemães destruíram a Europa na Guerra dos Trinta Anos e os franceses derrotaram os ingleses em 100 anos. Os únicos 100 dias da História são os 100 dias do regresso de Napoleão que terminaram em derrota. Aqui no quartel corre o boato que esta vossa ideia pertenceu ao general Francisco César. Não sei se é verdade.

Também preciso de saber quando é que vai acontecer o vosso próximo ataque-comício. Neste Domingo e com mil soldados? Não pode ser. Não conseguimos responder. Só se eu fosse buscar 570 soldados à vizinha ilha das Flores, mas o Ariel só leva 12 de cada vez. Adiem lá isso para setembro, senão acaba já aqui a guerra.

Mais uma coisa. O vosso espião levou os nossos planos para o aumento do cais do Corvo. Devolvam, se faz favor, esses documentos. Se não o fizerem, o nosso espião terá também ordem para roubar tudo sem prévio aviso

Muito obrigado, camarada inimigo.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Membros do Governo

A situação económica e social por que estamos a passar obriga-nos, a todos, a realizar uma campanha eleitoral muito comedida e rigorosa. O dinheiro não chega para tudo e é necessário definir prioridades com muita responsabilidade.

Todos sabemos que não é possível prometer tudo a todos. Temos de fazer opções. Não vale dizer, depois de outubro, que a situação das finanças regionais está pior que o previsto. A situação é má – todos o sabemos – e por isso não se deve prometer o que não será possível realizar.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Da nossa parte é este o nosso compromisso. Vamos comprometer-nos apenas com aquilo que consideramos realizável. Este será o nosso caminho e estou certo que será o roteiro escolhido por muitos de vós.

A nossa preocupação não é ganhar batalhas. Queremos ganhar esta guerra. A guerra contra a miséria, o desemprego e a descrença. Por isso vamos travar apenas as batalhas possíveis. Escolheremos proteger os mais desfavorecidos e fomentar o crescimento económico. Não é muito, nem um programa muito diversificado, mas é o que consideramos mais correto.

Muito obrigado!

O Deputado

Paulo Estêvão